

OLHARES

Rocha de Sousa

González Bravo
O gesto e o espaço

■ González Bravo expõe obras poderosas como realidade plástica, peças espessas, aparentemente sem emendas - nem mais do que o catálogo nos diz: «O gesto e o espaço». Pouco mais acontece. E contudo, que espécie de gesto e qual a natureza do espaço? Espaço enquanto dimensão do efeito percetivo, retângulos em campo? Faixas de um campo desconhecido, horizontais e alinhadas? Portas ao alto, mudas, talvez sombrias e atrás da quais não acontece nada? Princípio elementar da representação, retângulos que aparentam um outro lado que faz deles paralelepípedos, uns pairando sobre os outros? Ou o princípio da escrita, com caracteres modernos sobre uma pasta de ocre claro e cujo sentido, mais uma vez, não se fecha

enquanto mensagem? Pedro Pizarro diz-nos que este artista nos propõe, aqui, "pintura acompanhada de um tempo imóvel. Sedutora e enigmática. Pintura que criou um sistema que a identifica e em que a cor, com o seu metódico emprego como argumento, confere à tela um pulsar, uma vibração harmoniosa e mágica"

AS BELAS SÍNTESES QUE APAGAM O ELEMENTAR

Não se trata, assim, de desdizer a sensibilidade da percepção e do conceito em Pizarro. Esta obra pode ser mais do que detona ou denota: é também, na sua aparente imediatidade, uma obra aberta, sem temer de convocar para aqui o famoso ensaio de Umberto Eco. E aberta porquê: porque González



Pintura de González Bravo "Obras poderosas como realidade plástica"

tanto procura, fragmentariamente, deixar uma forte marca sobre um terreno alheio - ou as letras por decifrar, ou os retângulos suspensos uns sobre os outros, eventualmente para exprimir a série, ou a indiciar talvez pedras vogando por nada antes de acertarem o seu lugar na pirâmide ou numa

simples arquitetura de habitação, entre outras coisas. Harmonia mágica? Porque não, as coisas estão predispostas ao nosso livre arbítrio. E não será por acaso que o autor intitula este conjunto de obras "semelhantes na diferença".

O gesto e o espaço. É sem dúvida uma frase que abre os materiais e as

formas a contemplações contraditórias ou simplesmente inventivas. O retângulo negro isolado no campo nem sequer é um retângulo: mas haverá algum maquinal contemplador que não siga (como aconteceria com o ensinamento de Arnheim) a redução da forma negra a retângulo? Não é isso, em termos muito mais complexos, o que dizemos do mapa de Portugal? Haverá, na exploração daquele retângulo, a possibilidade de um julgamento elementar de síntese? E se alguém nos disser que não é apenas um retângulo negro: pode tratar-se de um buraco de representação breve, sugerindo uma parede, à esquerda, meio inclinada?

OLHAR PARA VER, PARA IMAGINAR

Alguém, lendo o que deixo aqui escrito em termos de exercício perante uma obra que nos toca pela sua intensidade, singularidade, brevidade, poderá dizer que estive apenas a olhar, a identificar o óbvio, sem exercitar um ver mais profundo, perto da contemplação e do caminho para imaginar.

Não aceitarei essa fala. Porque não há maneira séria de entrar numa obra, mais ou menos complexa, tanto faz, sem a pronúncia das palavras ou as questões iniciais. Um amigo meu colocou-me um problema idêntico: "O gesto e o espaço como? Não seria mais verdadeiro anteceder o espaço

ao gesto?" É um caso de percepção e também da ordem conceptual do homem perante o desafio das coisas. Um gesto pode estar para acontecer, o lápis suspenso sobre o papel. Quando o lápis desce (em gesto) marca o espaço. A ordem da situação suspensa é arbitrária mas não é propriamente displicente.

Em todo o caso, a nossa análise tende a não minimizar os níveis de profundidade do ver: e é justo, talvez imperativo, afirmar (como se diz à imprensa) que «González Bravo reflete na sua arte um ensinamento maior da pintura do século XX»: a ideia de movimento tratada na morfologia do informalismo. A mancha que explode, que choca com o espaço plano, em muitas das propostas de Tàpies. González Bravo geriu uma obra já vasta e é verdade que a gestão de uma estética abstracionista foi alcançando diferentes e claras proposições, desde a matéria brutalizada ao registos voluntariosos a gravar figuras elementares. É dessa essencialidade, algo que parece vir de uma longínqua aprendizagem, que brota, sobretudo em conjuntos, o efeito de uma sensibilidade em força, a aparente e rápida marca da coisa e do grito. JL

González Bravo, exposição na Galeria São Mamede. Até 20 de janeiro de 2016. 2ª a 6ª feira, das 11 às 20; sábados,